

SEBASTIÃO FEYO DE AZEVEDO, EX-DELEGADO NACIONAL DO "BOLONHA FOLLOW-UP GROUP", DEFENDE UMA CLARIFICAÇÃO DAS MISSÕES DE UNIVERSIDADES E POLITÉCNICOS

“Bolonha não resolveu o problema da qualidade no ensino superior”

Para Sebastião Feyo de Azevedo, ex-delegado Nacional do “Bolonha Follow-up Group” – este um organismo responsável pela supervisão geral da implementação do processo a nível europeu – não há margem para dúvidas: Bolonha “não resolveu o problema da qualidade no ensino superior”, em Portugal. Temos um sistema massificado, mas pouco diversificado. O também director da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP) defende, por isso, uma reformulação da rede, através da qual se possa definir, claramente, o papel das universidades e politécnicos. “Há uma tentativa de homogeneização das duas realidades que é má para o país”, referiu ainda.

SANDRA RIBEIRO
sandriabeiro@videconomica.pt

Vida Económica – Que balanço é que se pode fazer de Bolonha? Já temos um espaço de ensino superior europeu?

Sebastião Feyo de Azevedo – Como não sou delegado nacional desde o ano passado, faço um balanço na qualidade de pessoa muito interessada e, a partir de agora, continuamente empenhada por ser director da FEUP.

Penso que Portugal teve um progresso significativo, ainda assim, claramente, inferior ao que gostaria de ter visto, sendo que há, aqui, duas componentes: a da estrutura e a da substância. Nós fizemos um edifício legal razoavelmente bem construído, mas mal aplicado. E digo já onde: na reformulação da rede do ensino superior, a qual não foi ainda levada a cabo.

VE – Há escolas a mais?

SFA – Há escolas a mais.

VE – Politécnicos ou universidades?

SFA – Mais universidades do que politécnicos, mas devo dizer que aquilo que existe, acima de tudo, são missões diferenciadas. E há uma tentativa de homogeneização das missões das universidades e dos politécnicos que é má para o país.



“Nós só podemos deixar entrar nos cursos pessoas que tenham motivação, competências e vocação”, destaca Sebastião Feyo de Azevedo, ex-delegado Nacional do “Bolonha Follow-up Group” e director da FEUP.

VE – Tenta-se confundir as duas realidades. As universidades têm uma missão, os politécnicos têm outra? Não chegamos a definir esse assunto?

SFA – Na lei está definido, na lei temos um sistema binário, mas na prática não. Temos um sistema muito pouco binário.

VE – E isso é culpa dos politécnicos que tentam aproximar-se das universidades?

SFA – É uma culpa do sistema político que não tem força para colocar isso em prática.

VE – Tem medo de melindrar as corporações?

SFA – Exactamente, exactamente.

VE – Foi essa a grande oportunidade perdida no que diz respeito a Bolonha?

SFA – Não foi perdida, porque acho que vai ter de se fazer, está é adiada.

VE – Não existe também pouca diferenciação entre as próprias instituições, sejam elas universidades ou politécnicos?

SFA – Aí podemos discutir se existem ou não universidades a mais e se havia espaço para a diferenciação de funções, mas isso já é uma outra questão. Para mim, o problema número um é o chamado dilema massificação vs. qualidade. Nós temos que massificar, mas temos de o fazer com qualidade e não é o que está acontecer hoje.

VE – Ainda recentemente,

uma personalidade veio a público dizer que as universidades têm vindo a perder qualidade?

SFA – Isso é uma afirmação discutível, claramente, discutível, muito discutível. O problema que se põe é o da massificação com qualidade. Nós só podemos deixar entrar nos cursos pessoas que tenham motivação, competências e vocação.

VE – Aspectos difíceis de apurar, sobretudo o da vocação?

SFA – Percebo que seja difícil, mas o que deveria existir era uma oferta suficientemente diversificada a ponto de encaixar os alunos nos cursos para os quais sentem uma maior apetência. Em simultâneo, uma oferta exigente aquando da sua entrada. Se a oferta for pequena e pouco diversificada, acaba-se por deixar na rua sem solução e, tenho insistido muito nisto, jovens de 17, 18, 19 anos, de mãos nos bolsos ou a fazer asneiras. A sociedade tem a obrigação de lhes proporcionar soluções em termos formativos.

Bolonha não resolveu o problema da qualidade

VE – Em alguns aspectos, Bolonha não conseguiu resolver os problemas estruturais do ensino superior português?

SFA – Não resolveu o problema da qualidade e nós precisamos de massificar com qualidade. Não podemos estar pura e simplesmente a passar diplomas se eles não corresponderem a competências.

VE – Como é que o mercado está a receber os novos licenciados?

SFA – Na área da engenharia ninguém duvida de que a formação que conduz ao desenvolvimento das capacidades plenas da profissão é aquela que corresponde ao segundo ciclo.

VE – Não aceitam abaixo disso?

SFA – Não é não aceitam, poderá existir alguns que aceitam, porque toda a vida existiram bacharéis a entrar no mercado de trabalho. Mas há uma noção clara que é o segundo ciclo que leva, como já referi, ao desenvolvimento pleno das capacidades aliadas a esta profissão.

VE – Os alunos também optam por aí?

SFA – Os alunos optam claramente por aí. O que não quer dizer que não existem antigos bacharelados, actuais licenciaturas, que não sejam interessantes para o mercado de trabalho. Repare: ninguém se forma ao fim de cinco anos, é preciso muita tarimba. Agora, há uma formação de base que fica. Há uma atitude mental, um posicionamento que ficam e esses são dados pelo segundo ciclo.

VE – O que foi mais difícil de implementar relativamente a Bolonha? O ensino é, hoje, mais tutorial, prático?

SFA – As mudanças estruturais fazem-se por decreto, agora, as mudanças substanciais demoram algum tempo, pelo menos, uma

geração. Há muitos professores de 35, 40 anos que estão altamente empenhados em introduzir métodos novos no ensino, na aprendizagem. De qualquer modo, é preciso ter em conta que existe liberdade científica e pedagógica. Não estamos a falar de uma linha de produção, temos de ir por partes. Por isso é que não é tão fácil a mudança.

Devo dizer, contudo, que há uma continuada discussão pedagógica no sentido de adequar a realidade aos novos métodos. Mas as mudanças têm também de partir dos alunos. É preciso que este venham às aulas, que discutam os trabalhos com os professores. O aluno entra aqui e é logo influenciado pelos outros sobre aquilo que é e não é para fazer.

VE – O desemprego dos licenciados não pára de aumentar Bolonha poderá de, alguma forma, contornar esta situação por via, até, da existência de dois ciclos de formação?

SFA – Bolonha poderá fomentar a mobilidade entre países com a perspectiva de que os europeus devem colaborar mais uns com os outros. Estamos a falar de um processo que tem a ver com a capacidade de nós, europeus, construímos uma Europa mais capaz, competitiva. O caminho é este, se conseguimos é outra coisa, mas o caminho é este. Vamos aumentar o nível de formação das pessoas, agora, o que as pessoas vão fazer a seguir é outro problema.

VE – O que é que Bolonha traz para o futuro? O que está errada na mesa?

SFA – Neste momento, penso que a garantia da qualidade é uma das questões. A outra está ligada aos rankings multidimensionais das universidades.

VE – São muito díspares?

SFA – Os europeus, pela sua maneira de ser, são contra os rankings que dão, apenas, um número.

VE – Só temos Coimbra entre as 400 melhores a nível mundial?

SFA – Cada universidade envia para os jornais o ranking que lhe interessa. A Universidade do Porto afirma que está, a nível europeu entre as 100 primeiras. Estamos a trabalhar nisso.

De qualquer modo, os europeus decidiram também eles fazer um ranking, o tal ranking multidimensional. A Comissão Europeia tem promovido bastante a sua realização. Este tem várias vertentes dando às pessoas a oportunidade de analisarem uma instituição sob diferentes perspectivas. Fica-se com a fotografia da mesma. Não se diz assim, que se é o melhor do mundo. Além disto, é preciso também consolidar a mudança.